

# Só o médico não madruga

Todo dia, às 5 horas da manhã, um policial é destacado para manter a ordem em uma grande fila de mulheres com crianças ao colo, que aguardam atendimento médico do centro de Saúde de Guaianases, na rua Salvador Gianete, 127. Madrugar e submeter-se a uma longa espera, sob sol ou chuva, não significa receber um atendimento imediato no caso de consulta, pois o médico não chega antes das 10 horas e, geralmente, metade da fila tem que voltar no outro dia, de preferência no mesmo horário.

Para os funcionários do Centro de Saúde de Guaianases — um dos bairros mais pobres da Zona Leste — “é doloroso ver o sacrifício dessa gente”, muitas sem dinheiro para ir até sua casa, dar comida ao filho e voltar no horário em que o médico chega. Em todos os postos da Prefeitura e centros de saúde do Estado da Zona Leste é indispensável chegar bem cedo para conseguir ser atendida.

No posto da Prefeitura, em Vila Formosa, as consultas são feitas somente à tarde, após o meio-dia, conforme informação dos funcionários que evitavam dar com precisão o tempo de permanência do médico: um capitão do Exército, que “às vezes recebe chamados de outros locais, saindo antes das 16 horas”. Como nos demais centros, às 10 e 30 já tem gente aguardando a sua vez. Ainda em Vila Formosa, no Centro de Saúde do Estado, os funcionários se atrapalhavam quando alguém perguntava sobre o horário inicial de atendimento da pediatra. Enquanto um dizia ser “por volta de 8 e 30”, uma usuária afirmava que “geralmente a médica chega às 10 horas”, mas o funcionário esclarecia: “claro, ela atende também em outros locais, na Penha, em Guarulhos, às vezes atrasa”.

Atendendo uma média de 20 a 25 crianças por dia, o diretor do Centro de Saúde de Itaquera, além de substituir a pediatra do setor — embora sua especialidade fosse sanitarista — era obrigado a auxiliar na aplicação de vacinas e ainda atender na parte da tarde. O número de pessoas que procuram o posto é bem superior à sua capacidade de atendimento.

A má condição de trabalho é uma queixa constante, especialmente de enfermeiros e funcionários, como no pequeno e acanhado Centro de Saúde de Vila Carrão. Apontando para o grande número de crianças, o enfermeiro transmitia a impaciência de quem viu “desfilar na sua frente mais de 40 pessoas, cada uma com um problema e muitas sendo obrigadas a retornar no dia seguinte”.

Na pequena sala do Centro de Saúde de Guaianases, a quantidade de papel no chão era a confirmação do que o policial de plantão informava: “isto aqui de manhã tem gente que não acaba mais”. Indignada com os três médicos do centro — um de manhã, a partir das 10 horas e dois à tarde para o INPS — uma antiga funcionária não escondia suas queixas em favor da população que a unidade atende. Citando a realização de uma reunião, “para os próximos dias, quando as coisas vão mudar”, ela não se conformava com a “falta de consciência dos médicos”. De manhã só a partir das 10 e até 13 horas, aproximadamente, e à tarde “é pior ainda, não adianta nem vir”, aconselhava a funcionária. Eram 11 e 30, o filho de Carmem Andrade seria finalmente atendido, depois de 5 horas e meia de espera.